

# A AUTONOMIA DO HOMEM NO MUNDO SEGUNDO A BÍBLIA

*J. Severino Croatto C. M., da Argentina, estudou no Instituto Bíblico de Roma e na Universidade Hebraica de Jerusalém. Especializou-se em Antigo Testamento, em línguas semíticas e em religiões Orientais. Realizou três viagens ao Oriente para trabalhos arqueológicos. Tirou licenciatura em Teologia e Ciências Bíblicas. Atualmente é professor de Filosofia e História das Religiões na Universidade Nacional de Buenos Aires. Durante 6 anos dirigiu o departamento de estudos bíblicos no Instituto Cultural de Buenos Aires. É autor dos livros "Aliança e experiência salvífica na Bíblia" e "História da Salvação" (traduzido para o português).*

---

Pretendo tratar da concepção bíblica do homem como autônomo e vou me referir, de maneira muito especial, à concepção do Gênese e dos profetas. São dois lugares bíblicos em que melhor se pode conhecer a visão antropológica. Não vou insistir aqui sobre a noção de sagrado, tema que suponho abordado por outros. Simplesmente queria destacar que o sagrado é concebido como uma dimensão, um lugar. É o lugar do divino. A palavra "templo" é da mesma raiz indo-européia que a palavra "témnô", "cortar" como o profano é o que está fora do sagrado; "templo" é um lugar sagrado, porque está "recortado, dividido"; são dois lugares completamente distintos. O sagrado é o lugar dominado pelos deuses.

Para poder situar melhor o pensamento bíblico sobre o lugar do homem ou a sacralidade ou a secularidade do homem vamos partir da concepção oposta: mitológica. E é uma característica da mitologia conceber de um modo unitário o mundo, Deus e o homem. Ou seja, em uma mesma coisa que é o mundo, estão tanto Deus como o homem. Deus não é visto como um ser

transcendente e pessoal mas como identificado com os fenômenos cósmicos ou telúricos: é o que se chama, na história das religiões, "hierofanias". Os deuses essencialmente se visualizam, se manifestam nos fenômenos da natureza. Neste sentido não há lugar para o homem, porque toda a natureza é sagrada. Que tem que fazer o homem que se encontra sem lugar no mundo? Tem que realizar uma série de "ritos de passagem", de iniciações, para poder absorver o sagrado ou para deixar o profano e entrar nesta atmosfera ou neste lugar que é o domínio dos deuses. Aí, então, a importância do culto, dos ritos, das purificações: uma série de práticas que justamente buscam introduzir o homem na esfera do sagrado, porque, se o homem entra no sagrado, não existe o paradoxo de um homem ficar marginalizado e isolado no seu próprio mundo, alheio e alienado a tudo o que o rodeia.

Por outro lado os deuses estão cosmisados e por isto mesmo, perdem a força da transcendência. Sem dúvida que, ao nível mitológico, a transcendência não é negada mas não está claramente situada. Os mesmos deuses estão alienados porque se confundem com o cosmos. Assim temos este fenômeno muito curioso que é a ciclicidade do mundo, da vegetação e dos ritos do universo. Ou seja, tanto os deuses como os homens, se identificam com este processo do mundo. Quer dizer que aí não há uma alienação; mas, sob o ponto de vista bíblico, sim, como veremos depois.

**Cosmovisão bíblica: Deus.** Que é que sucede com a fé bíblica? Um duplo processo: primeiro o processo de desmitologização que consiste, fundamentalmente, em separar o Deus do cosmos e conceber a natureza como uma criação. Aqui entra o princípio fundamental da criação, que é totalmente distinto na Bíblia, na Mesopotâmia, no Egito ou nas cosmovisões míticas. Na Bíblia, a natureza fica esvaziada dos deuses. Já o cosmos, que antes era a hierofania por excelência do divino, do sagrado, agora fica completamente desdivinizada, porque Deus é concebido como distinto, como criador. O mundo fica isolado.

Não só se concebe a Deus como criador e como transcendente, mas também o homem é transcendentalizado com relação à natureza e ao mundo. Por que? Porque na Bíblia se valoriza essencialmente a liberdade humana. O homem não depende da natureza: por exemplo, nas festas mitológicas o homem necessita assumir os ciclos da vegetação. Quando começam as chuvas, o homem tem que identificar-se com a natureza que morre e que ressuscita. O homem está totalmente dependente da natureza. O homem é repetição. O homem não progride porque a natureza, ano após ano, se repete. Pode-se constatar isto numa infinidade de detalhes. Para os mesmos reis antigos, da Mesopotâmia, por exemplo, a festa do Ano Novo, que é a festa da renovação da natureza, é fundamental. O rei pode deixar

qualquer outra função, inclusive a guerra, para participar da festa, porque somente assim, na medida em que ele se identifica com todo o processo da natureza, pode realizar a salvação do povo. Ou seja, o homem está atado. Pelo fato mesmo que situa a Deus na natureza, tem que identificar-se com ela para encontrar a Deus.

**O Homem.** Na Bíblia, portanto, teremos esta dupla separação: por um lado Deus não é o cosmos, por outra parte o homem é distinto da natureza e valoriza sua liberdade, sua capacidade de realizar-se, e não depende já dos ciclos anuais ou cósmicos da natureza. Antes, na primeira representação mítica, temos uma só coisa, que é o mundo sagrado, porque é o campo de Deus; o homem está dentro d'ele, mas sem autonomia. O característico vai ser o diálogo pessoal. O homem tem que realizar-se no mundo, mas fundamentalmente se relaciona com Deus. E este diálogo impõe já uma orientação à história e não à natureza. Como dizia antes, o homem não está sujeito, não está confundido com a natureza. Dialoga com Deus que impõe ao homem uma meta. E por isto mesmo, por essa verticalidade entre Deus e o homem, — mas num sentido horizontal também, — na concepção bíblica não entra o destino, a “moira” dos gregos, nem entra a simples “tyxe”, a fortuna. O homem, porque não é livre, está destinado ao fracasso pela “moira”, o destino, que é ainda superior aos deuses. De vez em quando sucede ao homem a fortuna, mas não é auto-realização do homem, porque a fortuna é estranha.

Essas duas idéias, da “moira” (destino) e “tyxe” (fortuna), não cabem na representação bíblica em que o homem está relacionado com um Deus que tem um projeto para o homem, um projeto que respeita a autonomia. O homem está polarizado para um fim, mas este mesmo homem, respondendo ao diálogo vertical, se realiza horizontalmente. Assim a história tem um sentido. Somente numa concepção bíblica a história tem sentido.

**A Secularização.** Então, como introduzir a secularização, ou secularidade neste esquema? Em primeiro lugar, a terra é o lugar do homem. Vimos antes o conceito de sagrado, como lugar. Se o mundo é sagrado, significa que os deuses são os donos do mundo: ao contrário, na representação bíblica a terra não é dos deuses, mas do homem. Pode-se ver isto no primeiro capítulo do Gênesis (versículo 28 ss). É o domínio do mundo dado ao homem. Desde então, o homem bíblico não necessita ser um Prometeu. Por que necessitaria ele de fogo? Porque estava reservado aos deuses. Havia a sensação de alienação e o homem necessitou possuí-lo por usurpação. Em troca, na Bíblia não há Prometeu, porque o fogo e todas as coisas são do homem e o homem não necessita roubá-las de Deus.

Em terceiro lugar, o homem é autônomo sobre a terra. Pode-se admitir uma teonomia, que está indicada continuamente na

Bíblia, ou seja, que Deus é o dono da história, que dá uma lei ao homem; mas esta teonomia se coaduna com a autonomia do homem. Justamente porque esta relação de Deus com o homem é um diálogo, não é uma "moira", uma predestinação. Deus sempre espera a resposta do homem. Assim se coaduna muito bem a teonomia com a autonomia mas, em nenhum dos dois casos, é uma heteronomia. Isto seria alienação. O homem bíblico é autônomo embora haja a teonomia. Mas não é heterônomo: ou seja, não está alienado, não está sujeito a uma lei que não tem sentido para ele, que não o realiza.

Em quarto lugar, na Bíblia não se sacraliza o cosmos. É Deus que se introduz na história para dar-lhe sentido. Não que o mundo tenha que passar a ser Deus, mas no N. Testamento é mais visível: Deus se faz homem. Havia, porém, uma relação de Deus com o homem, e não uma alienação do homem como se fôsse tirado de seu próprio lugar.

**O Testemunho do Gênesis.** Vejamos agora na mesma Bíblia, sobretudo nos primeiros capítulos do Gênesis, alguns pontos-chaves que indicam como se concebe o homem autônomo e secular.

Já no texto citado, Gen 1, 28ss o homem aparece como dominador da natureza. Se é criado à imagem de Deus, é criado à imagem deste Deus que aparece no Gênesis, capítulo primeiro, ou seja de um Deus criador. Dá a impressão de que Deus põe este último sobre a terra e deixa de criar. É o homem que reassume a função criadora, mediante o domínio da natureza.

Em segundo lugar, neste mesmo capítulo aparece a criação do homem como é hoje. Não aparece na Bíblia a representação que é muito típica, p. ex. do Irã e do homem primordial. Segundo algumas mitologias o primeiro homem é um semi-Deus caído. A representação do pecado original não coincide com este esquema. Porque de qualquer maneira o homem, antes do pecado, é o homem de hoje, ou seja, varão e mulher, e se supõe que é o homem atual. Não é um deus ou semideus que depois degenera em um ser atual humano.

Em terceiro lugar, mantendo-nos neste primeiro capítulo, podemos dizer que o domínio da natureza por parte do homem anula as hierofanias. Ou seja, se o homem é possuidor da terra e dominador da mesma, ele se realiza em seu próprio lugar e não está tirando nada dos deuses, porque os deuses já não estão.

A idéia de criação esvazia a terra dos deuses. O homem utiliza a terra, o mundo como seu próprio lugar e não está lutando com deuses. Assim, para citar um exemplo e aludindo às mitologias, o homem pode arar a terra sem temor de estar ferindo o seio da terra. (Em todas as mitologias a terra é uma deusa e em muitos lugares o homem não podia arar o campo nem abrir um sulco, porque estaria ferindo o corpo da deusa.)

**A autonomia do trabalho.** Passemos ao segundo capítulo do Gênesis. Nos versículos 7 e seguintes se relata a criação do homem. O homem é criado para o trabalho no mundo. Deus constata que a terra é árida, porque falta o homem para trabalhar. Então, imediatamente, é plasmado o homem para isto. Assim aparece o homem como o projetista do mundo, como aquele que planifica a terra. E neste sentido completa a Deus também. Apesar do capítulo segundo ser muito mais mitológico, folclórico, tem as mesmas idéias que o primeiro capítulo, que é mais teológico e mais tardio. Certamente a idéia de que o homem é criador, e completa com isto a Deus, aparece nas duas tradições sobre o homem.

O que é mais notável para a representação bíblica é que o homem não é criado para trabalhar para os deuses. Esta diferença é muito significativa. Vou comentá-la brevemente. Se tomam o relato babilônico da criação, do mundo e do homem (o poema "Enuma Elish") verão que os deuses criam o homem para que trabalhe a terra e com este trabalho alimente os deuses. Explica-se, assim, porque nesta linguagem, tanto no mundo indo-europeu como no semítico a mesma palavra "cultivar a terra", significa "dar culto aos deuses". "Colere", em latim, significa trabalhar no campo e venerar os deuses, porque o trabalho da terra é uma maneira como o homem pode alimentar os deuses. O mesmo vale para o hebreu: a palavra "abad" significa trabalhar o campo, ser escravo e, também, dar culto. É muito notável esta dupla relação. A idéia de que o trabalho do homem é, sobretudo, para alimentar os deuses, porque os deuses são concebidos como homens, domina muito nas antropogonias. Por sua vez na Bíblia, como Deus é transcendente, não precisa ser alimentado pelo homem. Ou seja, nas mitologias o trabalho do homem é alienante. O homem trabalha para os deuses, não para construir o mundo. Na Bíblia há uma correção característica notável.

**A sexualidade "profana".** No mesmo capítulo 2, versículos 18-24, conta-se a criação da mulher. A mulher aparece como igual ao homem e como complemento do mesmo. Está subjacente, creio, a idéia de um andrógênio primordial. Conhecemos esta idéia do "Banquete" de Platão: no começo havia seres masculino-femininos e os gigantes andrógenos, que eram homem e mulher, como conta Platão. Estes andrógenos eram insolentes, porque se acreditavam grandes. Ofendiam a Zeus, e Zeus, para humilhá-los, os partiu em dois. Então, a mesma sexualidade tem aí um sentido negativo: é a redução do homem primordial mítico.

O que eu queria sobretudo assinalar com relação a este tema é o fato de que a sexualidade aparece na Bíblia como realidade profana: Deus cria o homem, varão e mulher. Desde o começo, os homens existem assim: varão e mulher, orientados ao ma-

trimônio. E o homem como varão e mulher não é cópia de nenhum deus. Isso já significa uma correção, porque em tôdas as mitologias os deuses se concebem por pares: um deus e uma deusa. Isto é universal, justamente porque tudo se concebe num sentido biológico e sexual. Por sua vez o Deus da Bíblia é assexuado. E isso tem seu sentido muito profundo. A sexualidade é uma característica totalmente humana e não divina. Não há nenhum arquétipo divino para o sexual. A luz desta mesma representação o pecado original foi concebido na Bíblia, no capítulo terceiro de Gênesis, como uma ressacralização da sexualidade. Isto é um pouco difícil.

**O pecado original como ressacralização.** Situairei um pouco o problema, porque só assim vamos entender certas conotações sexuais e sapienciais, que há no terceiro capítulo do Gênesis sobre o pecado original. Recorde-se o que disse no começo sobre a sacralização do mundo pela compenetração dos deuses: estes deuses são sempre concebidos como pares. Então, tudo o que acontece na natureza é uma repetição ou o efeito da fecundidade dos deuses e deusas. A vegetação ou as chuvas são o resultado da hierogamia de Baal com Astarte, por exemplo, e assim com todos os pares divinos. Ou seja, tudo o que é fecundo, tudo o que tem a vida na terra, é como o resultado da fecundidade dos deuses, que por outra parte se reflete dentro da mesma natureza. Quando Israel se fixou na Palestina, teve a grande tentação de assumir os deuses da natureza, Baal, Astarte, etc... Por que? Porque o Deus de Israel, Javé, o Deus do deserto, o Deus do Sinai, resultava antiquado. Um Deus que já não era funcional num país agrícola como era o nôvo Israel. Torna-se evidente, portanto, a grande fascinação que podiam exercer sobre Israel os deuses da fecundação e da vida. São os deuses sábios, porque Canaã e Egito são os países de civilização por excelência e essa mesma civilização é vista num contexto mitológico, como a prolongação da fecundidade divina. Assim, tudo está sacralizado: a civilização, a cultura, a vida, a sexualidade. Com isto pode-se entender porque Israel, nesta época, tem a tendência de reintroduzir a prostituição sagrada, que era justamente a maneira de consagrar as forças sexuais à divindade; ou seja, que a sexualidade humana era como a prolongação da sexualidade divina. O primeiro que tinha que fazer o homem era um rito de passagem, i. é., sacralizar-se ele mesmo, sacralizar a sexualidade para que tivesse sentido e fôsse funcional. Se os profetas acusam a Israel de prostituição, não era porque em si era uma degeneração sexual, mas porque isto era uma volta, uma alienação aos deuses cósmicos e um esquecimento do Deus da história que é um Deus assexuado.

Neste contexto temos que entender o pecado original. Que fez Israel em todo este processo de assimilação da cultura, da civilização? Identificou-se com os deuses da natureza. Foi uma

volta a Baal. Tudo estava ressacralizado, e neste ponto estava o pecado de Israel. Em conceitos bíblicos, o pecado é a infidelidade à aliança. Infidelidade ao Deus da história e alienação aos deuses cósmicos, aos deuses da natureza, da sexualidade e da vida. O pecado original é, então, entendido como ressacralização, a qual supõe uma apostasia de Deus na história. Israel tinha querido ressacralizar a ciência e a sexualidade para identificar-se com estes deuses, que acreditavam estar muito mais perto porque estavam identificados com a natureza. Isto é o pecado de Israel.

**A Cultura.** Passemos, agora, ao capítulo quarto, versículos 17-22 do Gênesis. Aqui se enumeram os descendentes de Caim, que são os inventores da metalurgia, da música, da arquitetura e de outras conquistas humanas. Estas conquistas do homem são pensadas como humanas e não divinas. É o homem que inventa a arquitetura e a metalurgia, e não Deus. Justamente porque, desde o começo, aparece o homem como autônomo sobre a terra; é ele quem tem que descobrir a natureza. Em troca, se se compara isso com a Mesopotâmia ou com qualquer representação mítica, ver-se-á que todos os elementos da cultura são inventados pelos deuses, pois os transmitem aos homens. Na Mesopotâmia há um conceito teológico que é muito característico. Em sumero a palavra “me” significa algo assim como padrão, arquétipo, modelo, ou seja há um “me” para o arado, para a realeza, para a agricultura e para tudo. Porque todos os elementos que usa o homem têm um arquétipo nos deuses, há um par de deuses que são os inventores e depois transmitem isto ao homem. Na Bíblia por sua vez não há nada disto; tôdas as invenções são humanas, são seculares e não sagradas.

Há aí um elemento negativo, se houver oposição entre este capítulo e o capítulo terceiro. Note-se que são os descendentes de Caim os que inventam tôdas estas coisas. E no capítulo terceiro o comer da árvore da ciência é apresentado como um pecado. A civilização, a cultura, é profana na representação bíblica, isto é: o domínio do homem. Por outro lado, parece que se critica ao homem essa invenção. . .

No capítulo onze do Gênesis, na narração da torre de Babel, temos uma idéia parecida: em primeiro lugar aquilo é uma construção humana, uma conquista do homem. O pecado está em ultrapassar o próprio âmbito profano. De que maneira? Porque mediante esta realização o homem quer deixar seu próprio plano humano, quer chegar ao céu. No entanto, o homem devia ficar na terra. Não se critica pois, a construção da torre, mas o querer escalar o céu.

**A Sabedoria.** Para ir até o fim: quais são os “pecados originais” segundo a Bíblia? A usurpação da sabedoria de Deus, não porque Deus a tenha tirado do homem, como se a sabedoria

fôsse sagrada e pertencesse somente a Deus, mas porque o homem pretendeu usurpar um grau de sabedoria que não era dele. Ou seja, o homem quis deixar de ser homem. E creio que isto está claro, quando a serpente sugere ao homem ser como Deus. Aí está o pecado; o ser como Deus, deixando de ser homem, ou seja, perder sua própria autonomia: deixar de estar no lugar onde Deus o colocou. Não se trata aqui da sabedoria, da cultura e da civilização, mas da sabedoria que os faz como deuses. Essa é a sabedoria criticada. O homem quis abandonar sua própria profanidade ou secularidade e ascender a uma categoria supra-humana, como aparece no capítulo onze. O homem quer ser um super-homem e, ao fazer-se deus, deixar de ser homem. Justamente porque Deus colocou o homem como homem profano sobre a terra, desde o momento em que o homem quer deixar de ser homem, peca. Isto é o pecado original. O homem deve realizar-se intra-históricamente e intra-côsmicamente. Intra-históricamente porque a salvação definitiva é um "depois" e não um "agora". O homem deve passar pela história. E intra-côsmicamente, porque o mundo é o lugar do homem e não diretamente o céu. O homem deve deixar a Deus em seu lugar. Como disse alguém: não se deve perturbar o descanso, "as férias" divinas. Deus trabalhou seis dias e depois descansou; deixe-o descansar. Compete, pois, ao homem, trabalhar.

**Síntese sobre o Gênesis.** Vou resumir, então, os pecados bíblicos que vão contra a autonomia do homem, querida por Deus. Estes pecados são anti-seculares, já que a Bíblia situa o homem no mundo como em seu próprio âmbito secular. O primeiro pecado é pôr a Deus no lugar do homem: esquecer o que é o mesmo homem, e considerar a Deus como o criador suplente. Deus teria que fazer tudo na história, no mundo. Ou seja, trocar simplesmente o homem por Deus. Isso é uma alienação, é uma heteronomia. Em segundo lugar, fazer do secular, do mundano, algo religioso e transcendente é deificá-lo. Ou seja, trocar de sentido o histórico, o humano. Em terceiro lugar, fazer operar o sagrado de tal maneira que o homem já não tenha nada que fazer, por exemplo numa super-valorização da graça, do sobrenatural; ou seja, o pessimismo histórico ou antropológico. O homem não alcança valorizar seu próprio sentido, o do mundo e da história. Trata-se então, de se fazer ajudar totalmente por Deus. O homem não é capaz de nada e Deus tem que ajudá-lo continuamente. Em quarto lugar, outro pecado é querer antecipar a escatologia, sem aguardar seu momento ou seja, sem ser precedida pela carreira humana.

A relação vertical se expressa horizontalmente na história com um sentido teleológico: o homem caminha para uma meta. Há, às vezes, no homem, uma tendência de querer sacralizar-se, antecipar a escatologia e suprimir a história. Em outras palavras: situar-se fora do mundo. É muito curioso notar que o hu-

manismo ateu coincide com a representação bíblica no primeiro ponto, ou seja, de deixar a Deus em seu lugar. Não confundir Deus com o homem. O homem é homem e neste sentido há uma provocação da parte do humanismo ateu no cristão, para repensar sua posição no mundo, o que é, creio, um dos grandes bens do ateísmo — inclusive do marxismo. Mas a antinomia está no fato de que o humanismo ateu comete outros dois pecados que são criticados pela Bíblia: um é fazer do homem um super-homem, esquecer a autonomia do homem e, sobretudo, a posição do homem no mundo como ser limitado. O outro pecado é o de querer antecipar a escatologia, por exemplo: as utopias. Porque o homem deve realizar-se dentro da história e a história deve sofrer um processo. O homem da fé, o homem bíblico tem que caminhar até o fim e esperar êste fim. Por sua vez a tendência parece ser a de queimar etapas e de antecipar o escatológico.

**Os Profetas.** Por último, uma simples reflexão sobre os profetas, porque insisti muito sobre os primeiros capítulos do Gênesis e convém dizer algo sobre os profetas, que mereceriam todo um desenvolvimento. Vou assinalar apenas alguns pontos. O profeta não é um adivinho, nem um anunciador de coisas futuras, mas é um intérprete da história, um orientador que dirige Israel e lhe ajuda a interpretar seus próprios acontecimentos e sua própria história, em função, sim, de um compromisso com Deus e de uma meta. Mas o profeta, por que não descobre o futuro? Porque seria anular a realização do homem. Nenhum profeta fala claro da escatologia: nenhum fala tampouco, de Cristo. Ou melhor, todos falam de Cristo, mas nenhum descreve a Cristo. Porque não tem sentido para a regeneração de que falava o profeta. O profeta fundamentalmente fala a seu povo no seu momento histórico, e o que faz o profeta é sobretudo criticar Israel, porque sacraliza demasiadamente sua própria história, ou seja, uma série de instituições, por exemplo, o templo, a realeza, o sacerdócio; ou idéias: a aliança, a promessa, a idéia do povo de Deus. A tendência do homem é sacralizar demais estas realidades e convertê-las em privilégios e isolar o homem de seu compromisso com a história.

Os profetas mostram continuamente que tôdas estas coisas não têm um valor absoluto, mas relativo. Aparentemente, os profetas vão contra a corrente e anulam as promessas essenciais da história da salvação. Os profetas dirão que Israel será destruído como povo, que não terá mais a terra da promessa, que Deus vai destruir o templo, a cidade santa de Jerusalém, vai anular a aliança, ou seja tudo aquilo que é central na representação religiosa. São todos valores religiosos. E os profetas mostram que são muito relativos; que somente têm valor enquanto permitem a Israel realizar-se dentro de seu próprio estado. No momento em que Israel sacraliza demais, estas realidades já não servem. E o mesmo “povo de Deus” é dessacralizado pelos pro-

fetas. Tem-se, p. ex., no profeta Amós, algo que é bastante característico. Veja-se o cap. 9, 7ss, onde Israel se crê o eleito por Deus, o povo "santo", especial e isolado. Que faz o profeta? O profeta mostra como Deus elegeu, também, os filisteus, os quais conduziu à Palestina e elegeu os arameus, que trouxe para a Síria desde a Mesopotâmia. Mas por que diz isto o profeta Amós? Porque naquele momento (no século VIII), os filisteus já não existiam e os arameus estavam declinando, e Israel poderia terminar da mesma forma. Os privilégios de Israel são provisórios. Têm um sentido histórico teleológico, mas não são definitivos.

A tendência de Israel sempre foi sacralizar demasiado a própria história. A mesma idéia de Santo, de Israel como "povo santo", tem valor relativo. Creio que o Deus de Israel é concebido como Santo, ou que Israel é concebido como um povo especial entre todas as nações para poder chegar a uma dessacralização, ou seja, não para manter Israel distinto das outras nações, mas para dessacralizar o homem com relação aos deuses alienantes das religiões míticas. Para isto se orienta. Mas essa idéia de povo "santo" é sumamente provisória. Uma vez conseguido o desapêgo do homem da natureza e destes deuses, o homem ficará no seu próprio lugar. Nem Israel nem os cristãos têm que ser um povo santo (bem entendido).

Os profetas, portanto, impedem continuamente o regresso aos deuses cíclicos e cósmicos. Ao mesmo tempo são os que fazem progredir a história, porque mostram como todas as estruturas e, sobretudo, as estruturas religiosas de Israel não são definitivas, mas de valor relativo. O próprio templo é relativo, porque os profetas anunciam sua destruição e no Novo Testamento é Cristo, o templo escatológico, e não o templo de Jerusalém, como depois o templo é o cristão. Assim, Deus se vai revelando sempre na história, não nos lugares.